

MISSÃO E INTER-RELACIONAMENTO HUMANO

NO ENVIO DOS SETENTA E DOIS E EM OUTROS TEXTOS LUCANOS*

Alberto Casalegno

A urgência da evangelização, que a comunidade primitiva assume, é consequência lógica e necessária da experiência pascal: a salvação que Cristo proporciona tem que ser anunciada a todos os povos e nações. O trabalho missionário constitui, pois, a tarefa, o empenho, a glória principal da Igreja dos inícios, encarregada pelo próprio Jesus glorificado de ser testemunha do Evangelho até os confins do mundo (At 1,8).

Lucas, colocando no fim dos tempos a escatologia e deixando espaço para a história da salvação, está particularmente consciente da responsabilidade dos cristãos em ordem à missão.

Os Atos dos Apóstolos, com efeito, descrevem a difusão do anúncio salvífico desde Jerusalém até Roma, mostrando que o Evangelho passa progressivamente do mundo da ortodoxia judaica ao centro do

*Nota do Editor: siglas utilizadas pelo autor deste artigo.

DBS - Dictionaire de la Bible Supplément

EKK - Evangelisch Katholischer Kommentar zum Neuen Testament

LumVie - Lumière et Vie

NT - Novum Testamentum

NTS - New Testament Studies

SB - H. STRACK — P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash*, I, München 1922.

TDNT - Theological Dictionary of the New Testament

paganismo antigo, através de etapas intermédias, representadas pelos judeus helenistas, os samaritanos, os prosélitos, os tementes a Deus. Na sua caminhada vitoriosa, a evangelização se expande, atingindo progressivamente sensibilidades e mundos culturais diferentes, superando desafios, contrariedades, oposições. Lucas, e só ele, frisa que esta tarefa de proclamar a Boa Nova a todas as nações, já estava anunciada desde sempre nas Escrituras (Lc 24,45-47); faz parte, portanto, do projeto eterno de Deus.

Também no Evangelho a dimensão missionária é muito evidenciada. É suficiente dizer que Lucas, ao lado da missão dos Doze (9,1-6), coloca a missão distinta e paralela dos setenta e dois (10,1-16); além do mais, apresenta Jesus como missionário itinerante em contínua viagem em direção a Jerusalém.

Evangelizar significa, em primeiro lugar, anunciar o evento redentor de Jesus, como se indica nos discursos querigmáticos dos Atos, convidando à fé e a uma mudança de vida na espera escatológica da manifestação definitiva do Reino de Deus. Este ministério da Palavra não é só comunicação verbal: relaciona-se sempre com sinais e prodígios que manifestam sua autenticidade e seu poder transformador.

O Evangelista, porém, na coletânea de normas práticas e de instruções para a missão, que se encontra no relato do envio dos setenta e dois, não esquece o valor do inter-relacionamento humano. No evangelho, esse aspecto é elaborado só nesta perícopé, não na do primeiro envio dos Doze, nem na do mandato missionário depois da Páscoa (24,47-49). Como membro de uma igreja que experimenta os problemas e a urgência da evangelização, e como bom cidadão do mundo helenista, Lucas se dá conta de que o pressuposto necessário para um correto anúncio do Evangelho é a valorização de tudo o que favorece o encontro e o diálogo entre as pessoas e, em geral, a atenção pelas mediações humanas.

Consciente da importância desta dimensão em qualquer obra de evangelização, nosso trabalho focaliza o texto lucano do envio dos setenta e dois¹, procurando evidenciar como nele o tema da missão se entrelaça com o apreço das atitudes humanas que fazem do missionário um instrumento mais apto para atingir aqueles a quem se dirige. Constataremos também que nos Atos dos Apóstolos, embora em outras situações e com parâmetros diferentes, a metodologia da missão se inspira nessa perspectiva lucana que coloca em primeira plana a atenção pelo humano.

¹ Discute-se sobre o número dos enviados. O código sináptico fala em 70, o vaticano, P⁴⁵, D, em 72. Cf. B.M. METZGER, "Seventy or seventy-two Disciples?", *NTS* 5 (1958-59) 299-306.

Antes, porém, é preciso destacar que o relato de Lc 10,1-16 é mais teológico do que histórico e, portanto, muito significativo para se entender as características da missão em Lucas, que esta perícopes esboça sinteticamente. Com efeito, a narração de "outros"² operários enviados a trabalhar no campo do Senhor parece constituir uma duplicação do envio dos Doze de Lc 9,1-6³. A finalidade do dobre é mostrar que também a missão das gerações posteriores, enraizando-se no mandato do Senhor, está em continuidade com a dos Doze⁴.

1. A estratégia da missão

Na perícopes do envio dos setenta e dois, a importância do inter-relacionamento humano é realçada no pano de fundo das grandes linhas da empresa missionária, que perpassam toda a obra do terceiro Evangelista.

a. O horizonte da missão

O texto tem dados genéricos, que podem ser aplicados a qualquer missão: a grandeza desafiadora do trabalho apostólico, indicado com a imagem escatológica da colheita (v. 2); os perigos da atividade missionária, sugeridos pela metáfora dos lobos (v. 3), alusiva aos hereges e falsos profetas que ameaçam a existência da comunidade (At 20,29). O relato de Lc 10,1-16 não é, porém, genérico: é opinião comum que se refere à missão aos pagãos, embora, na teologia lucana, a evangelização dos judeus e a dos gentios estejam interligadas⁵.

² O adjetivo refere-se ao texto de Lc 9,1-6, e não a Lc 9,52, onde se fala de mensageiros que preparam a chegada de Jesus ao território dos samaritanos.

³ No relato da missão dos setenta e dois, Lucas utiliza quase exclusivamente o material da fonte Q, que Mateus emprega na perícopes do envio dos Doze. Aliás, o Evangelista, incongruente com sua própria redação, pensa essa perícopes como referida aos Doze: em 22,35-37 lembra a estes as condições precárias da primeira missão que, porém, no Evangelho, estão relacionadas com os setenta e dois (cf. as sandálias). De resto, o termo "Senhor" (v. 1), para qualificar o mandante, aponta para a missão pós-pascal.

⁴ Declarando que esses outros operários são "designados" pelo Senhor e, como os Doze, "enviados" por ele (v. 1), realça-se o caráter oficial e jurídico da sua escolha e de seu envio, assim como a função que lhes compete de representarem o próprio Jesus. Cf. K. H. RENGSTORF, "apostello", *TDNT*, I, 398-447; D. MÜLLER, "Apostolo", *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*, Bologna, 1976, 127-136.

⁵ Lucas, nos Atos, quer mostrar que a evangelização chega às nações, respeitando o papel histórico de Israel, a quem primeiro tem que ser feito o anúncio da salvação (At 3,26; 13,23; 15, 16-17). Frisa que parte de Israel se converte e ao redor dele se juntam os pagãos.

Os elementos do texto e do contexto a favor desta afirmação são conhecidos: Lucas omite o mandato de Mt 10,5 que cerra aos apóstolos “o caminho dos gentios” e “as cidades dos samaritanos”; o número “setenta e dois”, mais do que um número exato, é uma referência ao conjunto das nações pagãs de acordo com o texto de Gn 10 (LXX); a menção ao envio destes outros discípulos acontece fora do território da Galiléia, já no âmbito da viagem para Jerusalém, que simboliza os grandes percursos das viagens apostólicas descritas nos Atos. Também a referência a Tiro e Sidônia (10,13.14) aponta para os gentios. Apresentando, pois, o envio dos setenta e dois, Lucas já pensa, como em transparência, na grande missão da Igreja depois da Páscoa.

b. O âmbito específico da missão

O envio dos setenta e dois “a toda cidade e lugar” (v. 1) parece um pouco estranho se comparado com o dos Doze, “de aldeia em aldeia” (Lc 9,6), sem dúvida mais realista⁶. Manifesta-se aí o interesse teológico do autor. Com efeito, à diferença de Mt 10,5-16, que engloba o âmbito da “cidade”, da “aldeia” (v. 11) e da “casa” (v. 12)⁷, Lucas, em 10,1-12, dá uma organização clara ao seu texto. Depois da introdução (v. 1) e de alguns ditos soltos (vv. 2-4), através da expressão “em qualquer” (*eis hen de an*), que ocorre nos vv. 5.8.10, distingue claramente dois âmbitos da atividade missionária dos setenta e dois: a casa e a cidade. Primeiramente se detém na descrição da missão no recinto de uma casa (vv. 5-7); depois no espaço da cidade, distinguindo, em relação a esta, a acolhida do missionário (vv. 8-9) e a recusa de recebê-lo (vv. 10-12)⁸. Provavelmente na forma primitiva do texto não havia tal distinção de âmbitos. Esta organização ordenada, não isenta de tensões⁹, manifesta portanto que casa e cidade são, para Lucas, espaços importantes em que se desenvolve a missão.

A polaridade “casa - cidade” está presente também no relato dos Atos: aparece em relação aos acontecimentos de Damasco (9,6.11.17), de Jope (11,4.11.12), de Jerusalém (12,10.12), de Filipos (16,32.39), de Tessalônica (17,5) e de Corinto (18,7.10)¹⁰. Com efeito, é a partir da casa que o anúncio missionário atinge a cidade, como no caso de At

⁶ A afirmação final que eles operam curas “por toda a parte”, aponta, porém, para uma atuação mais abrangente.

⁷ No versículo 12, o particípio “entrando” indica que Mateus se refere a uma casa da cidade e da aldeia precedentemente mencionadas.

⁸ Cf. I. H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, Exeter, 1978, 414.

⁹ “Comer” logo depois de ter entrado na cidade (v. 8), não é muito lógico: adapta-se melhor ao comportamento na casa, ao qual o Evangelista já fez referência no versículo 7 com a expressão “comer e beber”.

¹⁰ O binômio aparece também em Lc 7,37; 8,27; 22,10.

18,7.10; além disso, a casa é o âmbito em que o cristão da primeira geração vive a especificidade da sua fé (2,46) que irradia ao redor (4,52)¹¹. Por isso o binômio “publicamente e nas casas”, em At 20,20, pode sintetizar adequadamente a atividade missionária de Paulo.

O texto de Lc 10,5-12 destaca, porém, mais especificamente a realidade da cidade. A destinação dos setenta e dois visa em primeiro lugar “toda cidade” (v. 1); a atuação deles na cidade recebe no texto uma atenção maior do que a na casa, abrangendo maior número de versículos (vv. 8-12); além disso, alude-se à poeira da “cidade” que tem que ser sacudida dos pés dos mensageiros; conclui-se, no versículo 12, com a menção da cidade, cuja sorte será pior que a de Sodoma. A atenção pela cidade se manifesta, de uma maneira indireta, também na afirmação “curai os enfermos que *nela* houver” (v. 9a); na menção às “praças” (v. 10b), que pertencem ao âmbito urbano; também no uso do pronome pessoal na segunda pessoa do plural, indicando os habitantes da cidade¹².

O motivo da ênfase dada à cidade em Lc 10,1-12 encontra sua explicação no fato de, nos Atos, a missão da Igreja primitiva se desenvolver a partir dos grandes núcleos urbanos, que na época helenista são importantes centros de vida econômica e cultural¹³. Lucas antecipa, pois, no Evangelho este elemento que lhe serve também para evidenciar o caráter público e oficial da pregação cristã. A atenção à cidade explica também porque, diferentemente dos outros Evangelhos, parte da atuação de Jesus se realiza nesse ambiente¹⁴, embora historicamente seja mais objetivo relacionar sua atividade aos povoados. Parece, portanto, que, no conjunto da perícopé, a missão no recinto da casa representa a etapa preparatória de uma missão destinada a abranger a cidade toda, o ponto inicial de irradiação evangelizadora, além de indicar a necessidade de uma penetração capilar do Evangelho.

¹¹ Nos Atos encontram-se também outras polaridades: templo-casa (4,52); cidade-aldeia (8,1; 13,22); cidade-campo (8,34; cf. 4,34; Lc 15,15; 17,31); cidade-sinagoga (15,21).

¹² Isto aparece nas expressões: o Reino está próximo “de vós” (v. 9b), sacudimos a poeira “contra vós” (v. 11). Cf. P. HOFFMANN, “Lk 10,5-11 in der Instruktionsrede der Logienquelle”, em *EKK -Vorarbeiten* 3, Neukirchen, 1971, 37-53 (44).

¹³ Os doentes são trazidos a Jerusalém das “cidades” vizinhas (At 5,16), a pregação de Filipe realiza-se nas “cidades” de Samaria (8,5.8.9.40), assim como a atuação de Paulo (14,6.13.19.20.21; 15,36; 17,16; 18,10; 19,29; 20,23; 21,5). Lucas qualifica a cidade de Filipos (16,12.20.39) de “primeira classe do distrito da Macedônia e colônia” (v. 12).

¹⁴ Só Lucas qualifica Nazaré e Cafarnaum de “cidade” (2,39; 4,29.31); afirma que a atuação missionária de Jesus tem por palco as cidades (4,43; 8,1; 13,22); alguns dos seus milagres acontecem na cidade (5,12; 7,11.37); a multidão vem das cidades para escutar Jesus (8,4); no início da viagem a Jerusalém, os discípulos são enviados às cidades dos samaritanos (9,52). É interessante notar que também na parábola das minas, própria de Lucas, se menciona a cidade (19,17.19.41).

c. O princípio de adaptação na atuação missionária

Lucas elenca as atitudes necessárias aos mensageiros enviados em missão: confiança em Deus, coragem perante os desafios, oração, pobreza e despojamento, capacidade de ir ao encontro dos demais e estabelecer contatos apostólicos (10,2-4). Trata-se de valores universais e perenes, de exigências sempre válidas que têm que ser vividas com radicalidade em todo engajamento apostólico. Estas dimensões estão, porém, no texto, relacionadas com instruções mais pormenorizadas, como as que se referem ao equipamento dos missionários e à abordagem concreta dos destinatários do anúncio de salvação. Tais normas não têm que ser tomadas ao pé da letra. Lucas, que escreve o relato de 10,1-16 quando sua Igreja já tem uma experiência rica e diversificada da missão, afirma-o com clareza. No trecho 22,35-38, próprio da sua redação, no contexto do discurso depois da última ceia, a expressão “agora porém” (*alla nyn*, v. 36), que indica contraste, realça a distinção entre o tempo do Jesus histórico e o período pós-pascal da comunidade primitiva. Se durante o ministério público de Jesus nada faltou aos discípulos enviados em missão, sem bolsa, nem alforje, nem sandálias, agora, ao aproximar-se a paixão (v. 37), a situação se transformou radicalmente: precisa procurar-se também a espada¹⁵. O texto de 22,36 refere-se em particular ao equipamento do missionário, que exige modificações segundo as circunstâncias; deixa, porém, espaço para novas modalidades de conduzir a missão em contextos e culturas diferentes. Para o Evangelista, no tempo da Igreja que apresenta desafios específicos e momentos de crise, nenhuma das normas do passado deve ser absolutizada. Submetidas ao princípio de mutação¹⁶, têm só caráter de orientação, sendo preciso adaptá-las constantemente às condições concretas de vida. De resto, as próprias instruções de Lc 10,1-16, por serem resumidas, esquemáticas e pouco elaboradas, estimulam aplicações particulares conforme as novas situações as exigirem¹⁷.

2. O relacionamento interpessoal na missão pré-pascal

No contexto da missão dos discípulos durante a vida pública de Jesus, que, porém, já aponta para a missão universal da Igreja primi-

¹⁵ Provavelmente Jesus não entende referir-se a uma arma (cf. 22,49-51); a metáfora frisa a necessidade de saber defender-se nas dificuldades da missão e, ao mesmo tempo, estar disponível para a luta e o sacrifício. Cf. P. MINEAR, “A note on Lk XXII, 36”, *NT* 7 (1964) 128-134.

¹⁶ J.A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*. Traducción e comentario, III, Madrid, 1987, 206 realça que o rápido abandono das normas sobre o equipamento constitui uma objeção contra a atribuição dessas palavras ao próprio Jesus.

¹⁷ F. BOVON, “Évangélisation et unité de l’Église dans la perspective de Luc”, em *L’oeuvre de Luc*. Études d’Exégèse et de Théologie, Paris, 1987, 205-220 (206-207).

tiva, Lucas frisa algumas atitudes humanas que favorecem o relacionamento entre os evangelizadores e seus ouvintes.

a. Saudar com palavras de paz

À diferença de Mt 10,11-12, Lucas realça a saudação de paz. Em Mateus a saudação, em discurso indireto, segue à entrada dos mensageiros na cidade e à sua permanência nela; em Lucas o cumprimento: "Paz a esta casa" (cf. Lc 24,36), semelhante ao que se usa no AT (cf. Jz 6,23; 19,20) e no judaísmo¹⁸, é a primeira coisa (*proton*) que deve ser feita ao se entrar numa casa, aliás em "qualquer" casa (v. 5a). A utilização do discurso direto ("dizei", *legete*) dá incisividade aos votos.

O cumprimento é oferta de prosperidade, de concórdia, de segurança, e não simplesmente desejo de ausência de brigas¹⁹. Se no AT o termo *shalom* é sinônimo do dom messiânico que vem de Deus (Is 11,6; Os 2,20) e representa todos os bens que o homem pode desejar quando entra em Aliança com Deus (Is 48,18; 54,10; Ez 34,25-29; Sl 29,11; Num 6,24-26)²⁰, Lucas aprofunda o conceito, relacionando estreitamente a paz com a própria pessoa de Jesus e com a salvação que ele proporciona²¹. Os votos de paz, feitos pelos missionários, se entendem, portanto, plenamente só à luz da atuação de Jesus. Esta dimensão é frisada pelo fato de estes votos, pronunciados no recinto das casas (v. 5), estarem ligados com a declaração da chegada do Reino, feita nas cidades (v. 8), introduzida também com um discurso direto ("dizei", *legete*)²². O desejo de paz se explica, portanto, em função da realidade do Reino que com Jesus se aproximou. É o Reino que dá a esta saudação o seu pleno sentido e eficácia²³.

Para Lucas, o cumprimento de paz dos missionários, que na sua simplicidade aponta para a paz, a salvação, o Reino, longe de ser uma pura formalidade, é oferta de um dom de Deus que transforma quem o acolhe, é desejo eficaz de uma plenitude humana e divina²⁴. Tem,

¹⁸ H. STRACK — P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash*, I, 569-570 lembra que o judeu cumprimenta os demais de manhã e de tarde com votos de paz; frisa que a própria Torá é a paz, realizando a paz entre os homens; nota que as especulações rabínicas afirmam que o desejo mais íntimo do mundo é de ser regido pela paz.

¹⁹ A paz é ausência de guerra em Lc 11,21; 14,32.

²⁰ FITZMYER, *Lucas*, I, Madrid, 1986, 377-379.

²¹ Cf. 1,79; 2,14.29; 19,42 e 7,50; 8,48; 24,36; At 10,36.

²² O anúncio do Reino é provavelmente mais primitivo do que o anúncio da paz, porque pertence à fonte Q e a temática do Reino refere-se à pregação originária do próprio Jesus.

²³ Paz e Reino são realidades que se entrelaçam, porque, na teologia lucana, ambas são interpretadas cristologicamente (Lc 22, 29.30; 23,42; At 20,21.24.25; 28.23.31). Cf. M. MIYOSHI, *Der Anfang des Reiseberichts, Lk 9,51 - 10,24. Eine redaktionsgeschichtliche Untersuchung*, Roma, 1974, 59-94 (64).

²⁴ W. FOERSTER, "eirene", *TDNT*, II, 400-420.

com efeito, o poder de uma bênção divina (Nm 6,22-27), a eficácia da palavra de Deus que realiza necessariamente o que promete (Is 55,10-11). Semelhantemente, na volta do exílio, o anúncio do mensageiro de paz, que, com a salvação, proclamava a Jerusalém: “Reina o teu Deus”, celebrava o início de uma nova era e o senhorio de YHWH em Sião (Is 52,7)²⁵. Por isso se explica que no caso de não haver ali um “filho da paz”, isto é, alguém pronto a aceitar esta dádiva²⁶, a paz volta para o mensageiro, a quem, porém, cabe a obrigação de continuar a difundir-la, porque o dom de Deus não pode ficar sem fruto.

Com este cumprimento, o autor parece, portanto, indicar a importância de como se inicia a evangelização, consciente de que a primeira abordagem dos destinatários tem o seu peso.

Observa-se, porém, que nos Atos dos Apóstolos os evangelizadores nunca se apresentam desejando a paz aos seus ouvintes. Na praxe concreta da Igreja primitiva, o cumprimento não é excluído; porém nunca é mencionado. A evangelização começa diretamente com a proclamação da morte e ressurreição do Senhor. Os Atos frisam, portanto, mais que as modalidades da missão, o conteúdo da mensagem da salvação, que consiste no anúncio da pessoa de Jesus Cristo que realiza em si o Reino. Evidencia-se assim a realidade que constitui a razão do próprio cumprimento de paz dos setenta e dois e lhe dá sentido. Opera-se, porém, uma transposição entre a dimensão antropológica, destacada pela saudação dos missionários, e a dimensão mais teológica própria do querigma.

À luz desta atuação dos missionários, que vêm oferecendo a plenitude dos bens escatológicos, se compreende que a estranha expressão lucana: “A ninguém saudeis pelo caminho”, não pode ser entendida como uma recusa dos dons messiânicos àqueles com quem os mensageiros se encontram durante a viagem. A especificação “pelo caminho” (cf. 9,57; 10,4) é significativa e ameniza a proibição. A expressão indica simplesmente que a urgência da missão não permite que se detenham em longas conversações e cumprimentos como se costuma no Oriente Médio (2Rs 4,29); torna-se, portanto, um convite a não perder tempo com práticas convencionais e a evitar formalidades sociais²⁷.

²⁵ G. FRIEDRICH, “*euaggelizomai*”, TDNT, II, 707-737 (708).

²⁶ Trata-se de um semitismo: SB, I, 476-478. Cf. F.D.DANKER, “The *hyios* Phrase in the New Testament”, NTS 7 (1960-1961) 94.

²⁷ G. THEISSEN, “Radicalismo itinerante. Aspectos literario-sociológicos de la tradición de las palabras de Jesús en el Cristianismo primitivo”, em *Estudios de sociología del Cristianismo primitivo*, Salamanca, 1985, 13-40 (28), frisa que o mandamento quer evitar que o discípulo seja considerado um mendigo que necessita da ajuda de desconhecidos no caminho. FITZMYER, *Lucas*, 212-213 acrescenta que a exortação tem a vantagem de evitar possíveis hostilidades.

b. Viver junto com o povo compartilhando a sua vida

O texto indica a necessidade de uma certa estabilidade por parte dos mensageiros, que têm que ficar satisfeitos com a hospedagem gratuita oferecida por aqueles que, aceitando a palavra de paz, os recebem (vv. 8.10)²⁸; destaca, porém, também a modalidade do seu permanecer na casa que os acolhe.

No relato, a expressão “comer e beber” é utilizada para indicar o sustento que o evangelizador merece como recompensa (*misthos*) pelo trabalho realizado (cf. Lc 12,29; 17,8; 23,12.21)²⁹. No conjunto da obra lucana, porém, indica também um gesto de comunhão e de amizade. Com efeito, o binômio descreve a atitude de Jesus, tanto com os publicanos e pecadores (5,30.33; 15,2; cf. 13,26), como também com os próprios discípulos (7,34), à diferença do comportamento de João Batista com seus seguidores (7,33). É no ato de comer e de beber, isto é, numa situação de comensalidade, que os discípulos depois da Páscoa reconhecem o Senhor ressuscitado e são constituídos suas testemunhas (At 10,41)³⁰. Para Lucas o próprio Reino, na sua dimensão final, é representado com a imagem do banquete em que se come e se bebe (Lc 22,30; cf. 14,15). Se o Evangelista, em vários trechos, valoriza o convívio humano como expressão de alegria e de familiaridade recíproca (7,36; 14,1-24; 15,23-25), é lógico que também em Lc 10,7 o binômio “comer e beber” seja interpretado como ato que estabelece uma comunhão entre o mensageiro cristão e a família que o acolhe. Em Filipos, com efeito, o carcereiro sela com esse gesto a aceitação da fé: depois de ter recebido o batismo faz entrar em sua casa Paulo e Silas, põe-lhes a mesa, alegrando-se com todos os seus por terem crido em Deus (At 16,34).

É interessante notar que, na ordem da perícopé do envio dos setenta e dois, a alegria do convívio antecipa qualquer exigência que o missionário possa fazer aos que o recebem. Além disso, a exortação feita aos evangelizadores de comerem e beberem o que for colocado diante deles (*ta par'auton*, v. 7), que, com expressão semelhante se encontra também no v. 8, é uma declaração de liberdade dirigida aos missionários que trabalham em território pagão, baseada na convicção de que nenhuma comida ou bebida é em si impura (At 10,13-15; cf. Mc 7, 19b; 1Co 10,25.27; Rm 14,1-23). Nada deve impedir o relacionamento amigável dos evangelizadores com os que lhes abrem as portas de suas casas.

²⁸ O imperativo: “Permanecei nessa casa” (v. 7a) e a frase: “Não passeis de casa em casa” (v. 7b) são próprios de Lucas.

²⁹ Antecipam-se as diretivas que se encontram nas cartas paulinas, segundo as quais o operário deve receber a sua manutenção por parte da comunidade que ele evangeliza (1Tm 5,18; 1Co 9,9).

³⁰ O verbo utilizado tem o prefixo “co-”, com que se frisa ainda mais a comunhão (*synepthagomen kai synepiomen*).

A imagem do missionário que o Evangelista apresenta não é, pois, a de um homem desenraizado da vida social e lançado a contínuas andanças³¹, mas a de uma pessoa que, embora constantemente a caminho e sem morada fixa, sabe partilhar a vida com os demais para maior proveito da própria missão. Evidentemente a estada por um tempo numa casa, gozando da hospitalidade dos seus moradores, implica conhecer de perto as condições deles, instaurar laços de amizade, iniciar um relacionamento humano que constitui a base de qualquer evangelização. Permanecer com eles significa, pois, aprender a conviver, a comunicar, a entender. Esta atitude transforma o missionário, humaniza-o, engajando-o num diálogo verdadeiro, tirando a idéia de que ele seja simplesmente o propagador de uma mensagem a-histórica, sem repercussão humana³².

Também nos Atos a atividade missionária é caracterizada pelo costume dos missionários de permanecerem numa casa para evangelizar dali um âmbito mais vasto. A situação, porém, é outra e a técnica missionária se adapta às circunstâncias: não se trata de uma casa de desconhecidos, aos quais se propõe o primeiro anúncio, mas da dos irmãos que já se converteram ao Cristo³³. Também nunca se espera hospitalidade por parte de famílias estranhas. Com efeito, Paulo decide por si mesmo, independentemente de influência externa, aonde ir e onde ficar (16,12; 21,8), às vezes escolhendo lugares estratégicos para sua moradia, como, em Corinto, a casa perto da sinagoga (18,7)³⁴. De fato, ele, trabalhando como tecelão (18,3), possui recursos próprios (21,23-26) para prover às suas necessidades e as de seus companheiros (20,34); pode assim gozar de maior autonomia. Como no Evangelho, a atmosfera que rodeia os missionários é, porém, de alegria e de acolhida: assim se relata explicitamente na missão a Filipos, Trôade, Malta (16,15.34; 20,7; 28,10.14).

À diferença do que parece indicar Lc 10,7.8, as estadas dos evangelizadores são longas: em Antioquia, o Apóstolo fica um ano (11,26),

³¹ O apóstolo da Igreja lucana diferencia-se daquele mais primitivo, apresentado por THEISSEN, "Radicalismo", 20, como um carismático itinerante, à margem da sociedade, que leva uma vida em condições extremas, parecida exteriormente à dos filósofos cínicos ambulantes, questionável pelos de fora.

³² HOFFMANN, "Lk 10,5-11", 52, pensa que a insistência na hospitalidade tenha como fim animar as comunidades a serem generosas com os missionários itinerantes, embora ocorram abusos (2Jo 10; 3Jo 5-8.9-10; cf. Did 11-13).

³³ Em Jope, Pedro mora na casa de Simão o curtidor (9,43); em Filipos, Paulo mora na casa de Lídia (16,15); em Corinto, junto com Aquila e Priscila (18,3); em Cesaréia, na casa do evangelista Filipe (21,8), enquanto em Efeso, Trôade, Troglício, Ptolemaida fica genericamente junto com os irmãos (18,20; 20,5.15; 21,7).

³⁴ Nos Atos, o verbo utilizado para indicar a hospitalidade não é mais "receber" (*dechesthai*, Lc 10,8.10), que é reservado para a acolhida da Palavra (7,38; 8,14; 11,1; 17,11), mas os verbos "receber debaixo (de seu teto)" (*hypodechesthai* 17,7; cf. Lc 10,38; 19,6) e "hospedar" (*xenizein*, 10,6. 18.23.32; 21,16; 28,7).

em Corinto, um ano e seis meses (18,11), em Éfeso, dois anos e três meses (19,8.10; cf. 20,31). A permanência prolongada garante maior fruto à missão, permitindo consolidar os discípulos. Também voltar a visitar os irmãos (14,22; 15,36; 18,23) é indispensável para confirmar as comunidades recém-formadas (14,21; 15,41; 18,23). Essa prática permite ainda mais aprofundar o mútuo conhecimento, a amizade, a colaboração sincera.

c. Realizar obras de libertação

A atuação dos missionários na cidade se caracteriza por atos públicos, passíveis de grande repercussão, quais sejam as curas e a pregação do Reino. Esta ordem é própria de Lc 10,9. Se em algumas perícopes do Evangelho, seguindo a tradição, Lucas coloca normalmente o anúncio antes das curas³⁵, nos textos em que se manifesta particularmente sua atividade redacional, como no relato da mulher recurvada (13,10-17), do hidrópico (14,1-6) e dos dez leprosos (17,11-19), a cura antecipa o discurso referente ao Reino de Deus, estreitamente relacionado com ela³⁶.

Também em outros pormenores do seu Evangelho o autor manifesta a tendência a mencionar em primeiro lugar as curas. Em Lc 7,22, Jesus manda os discípulos de João Batista contar ao mestre o que estão “vendo e ouvindo”: o relato das obras antecede as palavras; em Lc 24,19 Jesus é qualificado como “profeta poderoso em obra e em palavra”; em At 1,1, recapitulando o primeiro livro, Lucas afirma ter apresentado tudo o que Jesus “fez e ensinou”, colocando, portanto, em primeiro lugar sua atuação.

Esta preocupação de destacar as curas antes da pregação mostra que, para o Evangelista, os sinais são parte integrante do processo de evangelização. Têm valor de mediação necessária para a aceitação da palavra do mensageiro. As curas tornam-se assim manifestação do próprio Reino que, na pessoa de Jesus, “está próximo” (perfeito grego, *eggiken*), isto é, já chegou, porém ainda não em sua plena e definitiva manifestação.

É evidente, porém, que com esta apresentação, Lucas realça ao mesmo tempo seu interesse pela dimensão humana da evangelização. As curas são uma resposta concreta às necessidades imediatas de quem recebe a Palavra, e constituem, portanto, o meio de comunicação e de relacionamento talvez mais significativo. Além de manifestar que a mensagem proclamada não é alienante, mostram que a aceitação do Evangelho não afasta dos problemas básicos do homem, pelo contrá-

³⁵ Cf. Lc 4,31-32.33-37; 5,17-26; 6,17-49 e 7,1-10; 8,4-21.22-56; 9,2.8.

³⁶ MIYOSHI, *Anfang*, 65-66.

rio, constitui uma ajuda para sua solução. Frisando essa dimensão, o Evangelista indica, pois, o valor de tudo o que hoje em dia se qualifica de promoção humana e de obras de libertação, estritamente ligadas à pregação.

Também nos Atos dos Apóstolos, onde prevalece a dimensão querigmática, as curas, embora poucas, continuam tendo ênfase especial: despertam admiração nas pessoas e ajudam à conversão (9,35-42), fomentam o respeito aos missionários e animam a pregação (3,12; 14, 11-12).

Precisa-se destacar que, em Lc 10,9, “os enfermos” são os que merecem atenção por parte do missionário. Como representantes dos pobres e desamparados, são, através da recuperação da saúde, os primeiros beneficiários do anúncio do Reino, como explicita Lucas, frisando que a palavra: “O Reino está próximo” é dirigida a eles em primeiro lugar (“dizei-lhes”, *legete autois*). Lucas evidencia assim outra modalidade para o início da missão: privilegiar, embora não de maneira exclusivista (At 17,4.12), os grupos sociais marginalizados, mostrando o carinho preferencial de que gozam por parte de Deus (Lc 6,20-22)³⁷.

* * *

Anúncio de paz, vida compartilhada, atenção aos pobres, obras libertadoras, frisadas na perícopa Lc 10,1-16, são algumas dimensões humanas que, só na redação de Lucas, caracterizam o empreendimento da missão pré-pascal, mas que se encontram, com as devidas adaptações, em toda a obra do Evangelista. Na evangelização, portanto, não deveriam ter espaço atitudes de intransigência ou de imposição, como mostra o próprio Jesus, repreendendo os discípulos que querem vingança pela não acolhida dos samaritanos (10,51-56).

Apesar do uso destes recursos humanos, o Evangelista sabe que o anúncio da salvação pode ser recusado, como evidencia em 10,13-15, aludindo ao endurecimento do judaísmo. Com efeito, a aceitação da Palavra é sempre um dom de Deus que exige a livre resposta do homem, não algo de automático.

O gesto público de sacudir a poeira perante esta situação não está, porém, em contradição com o comportamento aberto e amigável recomendado na missão. Repetido em At 13,51 (cf. 18,5), significa simplesmente o fim de toda responsabilidade do missionário em relação aos que são incrédulos, indica dissociação deles, interdição de comunhão.

³⁷ No contexto da missão, é evidente que os destinatários da pregação não são só os pobres, mas todos os que estão dispostos a recebê-la. Já na pregação de Jesus em Nazaré se menciona o alcance universal do anúncio (4,16-30). Cf. MIYOSHI, *Anfang*, 82-89.

O ato, exprimindo uma mentalidade primitiva, se refere à Igreja que provém do judaísmo, e tem, portanto, um valor limitado, como indica o próprio Lucas. Com efeito, o autor, ao tratar da missão no âmbito da família, em caso de recusa, limita-se a afirmar que a Palavra não acolhida volta para o mensageiro, deixando que o próprio Deus tire as conseqüências dessa tomada de posição (Lc 10,6). Por outro lado, nos Atos, procura-se manter um diálogo também com os responsáveis de Israel que mataram a Jesus, reconhecendo que atuaram por ignorância (3,17), indicando assim que a atitude de abertura e de diálogo é uma característica constante da Igreja.

3. Valor das mediações humanas na missão da igreja primitiva

O relato de Lc 10,1-16, embora breve e referindo-se ao início da atividade missionária, manifesta a sensibilidade de Lucas e de sua comunidade pelo relacionamento interpessoal. Os Atos dos Apóstolos, que acentuam o ministério da Palavra, nunca dão orientações pormenorizadas sobre como aproximar-se das pessoas. Desenvolvem, porém, a perspectiva indicada no Evangelho, mostrando, em outros contextos e em diferentes problemáticas, o que significa respeito e conhecimento do homem, atenção às situações vitais em que este se encontra, esforço de diálogo, realçando também a importância das qualidades humanas do evangelizador. Das normas de comportamento imediato, dirigidas aos missionários na sua atuação, passa-se, pois, a uma reflexão mais elaborada, embora feita de maneira informal e espalhada ao longo de todo o livro. É conseqüência da evolução que se produz entre os discípulos do Senhor, que, de um pequeno grupo ao redor do seu Mestre, se tornam uma Igreja organizada que, para existir e ser significativa, necessita se adaptar à realidade da sociedade do seu tempo. Portanto, tanto no momento pré como pós-pascal, em que se manifesta a atenção do Evangelista pelo humano, explicita-se uma preocupação constante de Lucas, frisando, em diferentes maneiras e em momentos distintos da missão da Igreja, as mesmas atitudes. Sintetizamos brevemente o pensamento do autor nos pontos seguintes.

a. Importância das qualidades pessoais do missionário

Lucas admira a entrega generosa e incansável de Paulo pela difusão do Evangelho³⁸, assim como sua força, paciência e decisão, que lhe provém do Espírito Santo (13,9), em superar os obstáculos que se

³⁸ A imediata seqüência da terceira viagem à segunda indica a urgência da missão e a absoluta dedicação do Apóstolo (18,23).

opõem à evangelização (16,6-10.22-24; 18,9-10); em conformidade com o realce dado ao inter-relacionamento humano no relato do envio dos setenta e dois, destaca também a sua capacidade de relacionar-se com as comunidades. O discurso de despedida dos anciãos de Éfeso, que evidencia as características básicas da figura do Apóstolo, com uma certa tendência idealizante, conclui-se com o pranto geral de toda a assembléia, que, consciente de não mais rever o seu rosto, lança-se ao pescoço de Paulo e beija-o, acompanhando-o em seguida até à embarcação (20,36-38). Este quadro, posto num momento culminante da atuação do Apóstolo, sublinha os laços de verdadeira amizade que Paulo sabe realizar com os membros das suas comunidades. À doação sem limites dele corresponde o carinho e afeto profundo dos fiéis. A rede de igrejas que em poucos anos Paulo consegue estabelecer, depende, além da vontade de Deus que anima e fortalece seus missionários, também do carisma humano e da força de convicção que irradia de sua personalidade. Para Lucas, que em sua obra sempre mostra interesse pela dimensão parenética, o exemplo de Paulo se torna paradigmático para cada apóstolo. Esta dimensão se entrelaça com outros aspectos que evidenciam a valorização do humano na atuação missionária.

b. Anúncio a partir de algo que questiona

O Evangelista várias vezes destaca que a evangelização principia com um acontecimento que toca os ouvintes, por exemplo com um sinal que desperta interesse e curiosidade. O anúncio de Pedro em Pentecostes começa a partir de uma pergunta do povo assombrado e perplexo diante dos efeitos da imponente manifestação carismática: "Que vem a ser isto?" (2,12). De modo semelhante em At 3,12 e 4,9, a cura do coxo da "Bela Porta", com a admiração que desperta, constitui a base da proclamação da Boa Nova aos habitantes de Jerusalém. A mesma dinâmica acontece em Listra, onde, o anúncio do Deus verdadeiro é feito aos habitantes da cidade depois que o povo, chocado pela cura repentina do aleijado, quer oferecer sacrifícios em honra de Paulo e Barnabé (14,14-18). Um modo parecido de proceder se encontra também em outras passagens: Pedro visita Cornélio (At 10,17-21) e Paulo fala aos atenienses (17,19-21) só depois de um pedido explícito.

Estes exemplos dos Atos indicam que o anúncio evangélico procura sempre responder a uma pergunta ou a um problema real daqueles a quem é dirigido³⁹. Encontra, portanto, disponibilidade nos ouvintes. Se esta tática missionária começa com a resposta a um pedido, desen-

³⁹ R. FABRIS, "Caratteristiche della missione secondo gli Atti", em *Atti degli Apostoli*, Roma, 1977, 431-443. Cf. U. WILCKENS, *Die Missionsreden der Apostelgeschichte*. Form- und traditionsgeschichtliche Untersuchungen, Neukirchen, 1974.

volve-se, porém, segundo pontos determinados em que aparece também o respeito pela situação daqueles que recebem a Boa Nova. Nesses textos dos Atos, o acontecimento que suscita maravilha é interpretado, fazendo apelo à experiência religiosa do respectivo grupo, tanto no caso dos hebreus (At 2,17-21; 13,17-22) como no dos pagãos (At 14,15-17; 17,24-30). A releitura da vivência do passado culmina com a proclamação da morte e ressurreição do Senhor Jesus. Esta, portanto, aparece como o legítimo desenvolvimento de um caminho religioso já percorrido (At 2,23-24.36; 3,14-15; 17,31). Nessa ótica é feito o convite à conversão e ao batismo. O estereótipo da apresentação, fruto de uma praxe experimentada, deixa espaço para as devidas variações, de modo a adaptar-se melhor às diferentes situações. Indica, porém, a necessidade de valorizar a sensibilidade e a problemática dos que são evangelizados, a fim de que o anúncio do Evangelho, abrindo novos horizontes, seja também uma resposta a anseios e experiências concretas.

c. Utilização de línguas diferentes

A importância do tema não passa despercebida a Lucas, embora faça só rápidos acenos⁴⁰. O problema das línguas diferentes, e portanto o da comunicação, é indicado desde o início dos Atos, perante os representantes da diáspora judaica que se encontram em Jerusalém pela festa de Pentecostes (2,5-11). O Evangelista, frisando que todos escutam falar os Doze “em sua própria língua materna” (v. 8), já indica a necessidade desta mediação humana, embora o problema seja resolvido concretamente só em At 15.

O interesse lucano pela língua aparece também em outros momentos dos Atos. O Evangelista nota que, para sua missão na diáspora, Paulo fala normalmente em língua grega, embora as minorias utilizem dialetos, como os moradores de Listra que conversam entre si em língua licaônia (14,11). Quando, porém, é preso em Jerusalém e pede para falar aos judeus, dirige-se a estes em língua aramaica (21,40b)⁴¹. A mudança de língua não é só uma estratégia para receber o apoio do povo, mas também um instrumento para uma declaração mais eficaz da sua fé e das suas convicções em âmbito hebraico (22,3-21). Tendo em conta que o trabalho do Apóstolo se desenvolve tanto entre os judeus como entre os gregos (20,21), é evidente que esta capacidade de aproximar-se às pessoas, falando a língua delas, é para Lucas um elemento importante para a evangelização. Sublinhando ainda que o próprio Cristo glorioso, aparecendo na via de Damasco, dirige-se ao

⁴⁰ F. BOVON, “L’importance des médiations dans le projet théologique de Luc”, em *L’oeuvre de Luc*, 181-203.

⁴¹ O texto frisa que o Apóstolo consegue silêncio levantando a mão; este se fez ainda mais profundo, quando o povo ouve a sua língua (22,2).

Apóstolo em língua aramaica (26,14), Lucas evidencia que a revelação de Jesus é sempre concreta e encarnada. Assim deve ser o anúncio apostólico. Se o Evangelista destaca a realidade de línguas diferentes, é porque aponta para a diversidade das culturas e dos modelos de vida dos homens que o missionário deve ter em conta.

d. Sensibilidade ao pluralismo cultural

A necessidade da inculturação è frisada nos discursos missionários de Paulo. Com efeito, a apresentação do querigma aos hebreus de Antioquia de Pisídia é precedida de uma releitura das grandes etapas da história de Israel (At 13,16-43). No centro cultural do helenismo, o anúncio do Senhor ressuscitado é feito a partir de uma reflexão sobre o Deus criador que se opõe ao panteão dos deuses pagãos. Nesse caso, Paulo, embora pudesse recorrer facilmente ao repertório bíblico (Gn 1,26-27; Sb 2,23; Sir 17,1-8), privilegia a cultura de seus ouvintes, citando os *Fenômenos* de Arato, poeta do século III a.C., originário da Cilícia (17,28). A citação é bem escolhida porque provém de um expoente do estoicismo, movimento bem popular naquela época, e se encontra também, em forma semelhante, no *Hino a Zeus* do estóico Cleanto. Agindo assim, Paulo obedece às diretivas da grande assembléia de Jerusalém que, desligando a salvação dos pagãos das tradições do judaísmo, coloca as bases para um discurso pluralista e para o respeito à identidade cultural dos povos.

Um pormenor, que indica eloqüentemente a sensibilidade lucana à cultura, é a escolha de Barnabé, enviado a Antioquia para completar a evangelização iniciada por cipriotas e cirineus anônimos (11,20): elege-se um homem bom, cheio de Espírito Santo e de fé, mas ao mesmo tempo uma pessoa, que por ser de Chipre, é próxima aos fundadores da comunidade, e, portanto, mais sensível à atuação deles (4,36).

Se Lucas respeita e valoriza as diferentes identidades culturais, indica, porém, o papel crítico do Evangelho em relação a elas. Ele se dá conta de que o mundo pagão está permeado pela filosofia popular (17,18), caracteriza-se por um politeísmo patriótico que venera vários deuses (Júpiter, Hermes, Artemis, 14,12; 19,27), aceita a concepção do "homem divino" (14,11; 28,6) e dá crédito às práticas mágicas (13,6-12; cf. 8,9-13; 19,13-16). Afirma, no entanto, que esses elementos fazem parte dos "tempos da ignorância" (17,30). Considerando-os, porém, num desenvolvimento progressivo em direção a Cristo (14,16), espera sua lenta purificação⁴².

⁴² Cf. B. WILDHABER, *Paganisme populaire et prédication apostolique*, d'après l'exégèse de quelques sequences des Actes. Elements pour une théologie de la mission, Genève, 1987; B. TRÉMEL, "Voi du salut et religion populaire. Paul et Luc face au risque de paganisation", *LumVie* 153-154 (1981) 87-108.

Um elemento particular dessa valorização das culturas é a admiração de Lucas pelo direito romano⁴³, considerado sob o aspecto da sua imparcialidade, que, em concreto, se manifesta garantindo a defesa do acusado perante seus acusadores (At 25,16; cf 23,35). Ninguém pode dispor de outrem para agradecer aos que o declaram culpado (25,3).

À guisa de conclusão

O relato do envio dos setenta e dois discípulos, mais arcaico e primitivo, evidencia uma perspectiva fundamental na atuação missionária da Igreja primeva: a importância do inter-relacionamento humano. Este elemento caracteriza também a evangelização nos Atos dos Apóstolos, embora realizada em situações diferentes e face a problemas mais complexos. A intuição inicial de Lucas é aprofundada, desenvolvida e aplicada a novos desafios, na medida em que a comunidade cresce e, deixando de ser um grupo minoritário, estabelece novas relações com os povos e as culturas. Pode-se dizer, portanto, que a metodologia concreta da missão, que Lucas apresenta em 10,1-16 e retoma de uma maneira mais abrangente no seu segundo livro, parece ser o fruto de uma reflexão explícita do Evangelista, e não simplesmente a descrição de uma praxe ocasional e sem relevância. Tudo indica que Lucas está bem consciente dos verdadeiros problemas que a evangelização implica. A exortação a um relacionamento sincero com os demais, à partilha e à vivência comum de determinados momentos da existência, o convite a mostrar a eficácia do Evangelho através de obras de promoção humana e de libertação, a importância de começar a evangelização pelos interrogantes específicos das pessoas e dos povos, representam propostas válidas em todo tempo e em todo lugar. Esta atitude constitui a base para o respeito à riqueza das culturas que devem ser abençoadas pelo Evangelho.

Realçando esta dimensão, Lucas evidencia que a salvação divina tem uma estrutura dialógica; encarna-se, portanto, sempre em histórias particulares. O modo como acontece a pregação da Palavra não é, pois, algo secundário, mas faz parte do próprio conteúdo do testemunho, atinge, de certa maneira, a substância da própria mensagem, pode comprometer o seu sentido e entendimento. Por isso, no trabalho apostólico, é básico o princípio da adaptação e da inculturação. O respeito às mediações humanas é, pois, a consequência imediata do fato de a evangelização não ser uma simples superestrutura ou verniz a colocar por cima, mas uma proposta a pessoas livres, que vivem

⁴³ J. DUPONT, "Aequitas romana. Notes sur Acts 25,16", em *Études sur les Actes des Apôtres*, Paris, 1967, 527-552.

num espaço e num tempo determinado, às quais se pede uma opção que atinge o sentido da vida. Só assim a Palavra cresce e se multiplica verdadeiramente (At 12,24).

A missão primitiva serve-se de todos os meios humanos que o mundo cultural greco-romano coloca à sua disposição, a começar pelos meios de transportes e pela rede de estradas; atenta à distribuição dos habitantes e à influência dos centros urbanos, inicia pelas grandes cidades; é favorecida, também, pelo universalismo do império romano e pelos prosélitos do judaísmo, entre os quais a Igreja dos inícios conta numerosos convertidos⁴⁴; mas conta, em primeiro lugar, com a perspicácia e a sensibilidade dos seus anunciadores, que, iluminados pelo Espírito Santo, encontram o caminho da aproximação correta aos homens e aos povos. Este trabalho não é fácil, não encontra soluções prontas, implica um esforço constante de observação, de compreensão e de avaliação, apelando à responsabilidade dos missionários. Tudo, porém, ocorre segundo o projeto de Deus que, na evangelização, exige a criatividade dos apóstolos, escolhas corajosas, experimentações e revisões contínuas, com todos os desafios que elas comportam. Com efeito, nos Atos dos Apóstolos, as intervenções de Deus são raras, e, quando acontecem, não tiram aos missionários o peso das suas decisões⁴⁵.

A reflexão lucana, iluminada pelo Espírito, revela-se muito válida para o mundo de hoje. A história nos leva a distinguir claramente entre missão, colonialismo, proselitismo e propaganda. O genuíno anúncio do Evangelho requer uma valorização sempre maior das sensibilidades, culturas, problemas, capacidade de assimilação das pessoas, para evitar o risco de utilizar métodos que, reflexamente ou não, procuram se apoderar dos demais, não respeitando suficientemente as condições concretas em que se encontram. Isto implica uma diversificação de abordagens, escuta, estudo, experimentação constante. Nenhum monopólio mais é possível. Só tomando a sério o humano, a Igreja pode-se qualificar como sacramento de salvação global do homem, coerentemente com sua fé na humanidade íntegra e verdadeira do Cristo encarnado. Por isso continua sendo de capital importância se perguntar a quem é dirigido o Evangelho que se anuncia e que mediações culturais sua pregação exige.

⁴⁴ H. LESETRE, "Prosélyte", *DBS*, V, 758-764. Os prosélitos aparecem nos Atos desde o início (2,5.11) e são numerosos entre os primeiros convertidos (6,5; 10,2.22; 13,16.26.43.50; 16,14; 17,4.17; 18,2).

⁴⁵ Quando a grande toalha com animais puros e impuros é mostrada a Pedro, é ele que tem que tomar uma decisão nova para o futuro da Igreja (10,17). Cristo, que aparece em Corinto a Paulo, não lhe poupa a dificuldade da missão numa cidade refratária (18,9). O Espírito não se substitui aos Apóstolos, embora oriente sua caminhada (10, 44-45; 16,6). Cf. BOVON, "L'importance des médiations", 190.196.202-203.

Alberto Casalegno S.J. é licenciado em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (ambos em Roma). Lecionou nas Pontifícias Faculdades de Teologia de Sardenha e da Itália Meridional. Atualmente é professor da Faculdade de Teologia do CES (Belo Horizonte - MG). Publicou: *Gesé e il Tempio: studio redazionale di Luca / Atti*. Brescia: Quiriniana, 1984.

Endereço: Caixa Postal 5047 — 31611-970 Belo Horizonte - MG